



ANAIS

A ESTRATÉGIA DA CADEIA CITRÍCOLA GLOBAL DE PRODUZIR LARANJAS E SEUS EFEITOS NAS ÁREAS PRODUTIVAS DO ESTADO DE SÃO PAULO

PAULO SERGIO SGOBBI
sergio.sgobbi@gmail.com
UNIVERSIDADE DE ARARAQUARA - UNIARA

RESUMO: Este artigo faz a análise da estratégia de verticalização para trás, método utilizado pelas empresas líderes da cadeia global de suco de laranja, como uma das formas para a sustentação da liderança brasileira nesta cadeia. O Brasil é líder na produção e comercialização do SLCC, e essa importância é relevante para a economia e para o social sob a ótica da geografia econômica. Essa estratégia, quando analisada no período entre 2000 a 2019, trouxe uma mudança no mapa locacional da produção de laranjas destinadas às indústrias, derivando alterações no perfil das unidades de produção e fundiário: redução das unidades produtoras com citrus e dos hectares ocupados com a cultura; concentração em unidades de produção maiores, mais adensadas e com maior participação das empresas nos títulos de propriedades agrícolas. O crescimento da participação das indústrias na produção de laranjas ensejou unidades de produção mais adensadas, tecnicadas e com melhor controle fitossanitário. Outrossim, essa concentração promoveu a retirada de aproximadamente 20 mil produtores da atividade citrícola.

PALAVRAS CHAVE: cadeia produtiva; unidades de produção agrícola; citrícola; mudança produtiva; mapa espacial de produção de laranjas

ABSTRACT: This article analyzes the backward verticalization strategy, a method used by the leading companies in the global orange juice chain, as one of the ways to sustain Brazilian leadership in this chain. Brazil is a leader in the production and commercialization of the SLCC, and this importance is relevant for the economy and for the social from the perspective of economic geography. This strategy, when analyzed in the period from 2000 to 2019, brought about a change in the locational map of the production of oranges destined for industries, resulting in changes in the profile of the production and land units: reduction of the production units with citrus and of the hectares occupied with the crop ; concentration in larger, denser production units and with a greater participation of companies in the titles of agricultural properties. The growth of the participation of the industries in the production of oranges gave rise to more dense, technicized production units with better phytosanitary control. Furthermore, this concentration led to the withdrawal of approximately 20 thousand producers from citrus industry.

KEY WORDS: productive chain; agricultural production units; citrus falls; productive change; spatial map of orange production

1. Introdução

No ano de 2019, a soma de bens e serviços gerados no agronegócio brasileiro, atingiu R\$ 1,55 trilhão, equivalendo 21,4% do PIBⁱ. Dentre os segmentos, a maior parcela é do setor agrícola, com 68% desse valor, ou seja, R\$ 1,06 trilhão, a pecuária ficou com 32%, ou R\$ 494,8 bilhões. Os cenários impostos ao agronegócio são complexos: exacerbação tecnológica, acordos comerciais bilaterais com exigências de reciprocidade entre os países, barreiras econômicas, fiscais, fitossanitárias e políticas, pressão por competitividade e produtividade, aliado a crescente demanda por alimentos que impõem desafios aos atuantes no agronegócio. A produção e as exportações brasileira se destacam no ranking mundial em 2019: o país é o maior exportador de açúcar, café, suco de laranja, soja em grãos e carnes bovina e de frango; o terceiro de milho, e o quarto de carne suína. O Brasil tem a maior produção mundial de SLCCⁱⁱ e café; a segunda de açúcar, soja em grãos e carnes bovina e de frango; e a terceira de milho.

A perspectiva deste trabalho aprofunda o enfoque das estratégias utilizadas pelo CAI Citrícola, mais especificamente os efeitos da atuação das indústrias processadoras de produzirem laranjas em pomares próprios. Com uma abordagem histórica-exploratória-analítica, faz-se a ilação de como essa ação mantém as empresas e o país na liderança da cadeia global do SLCC e quais são os efeitos na citricultura e nos territórios. O artigo está organizado em cinco itens, incluindo a introdução. No item 2 há um breve histórico da formação do CAI Citrícola, apoiado em estudos e bibliografias referenciados. Adicionalmente têm-se os fundamentos teóricos da geografia econômica, que sustentam a dimensão territorial do estudo, com as estratégias, relações de produção e externalidades. No item 3 explicita-se as bases manuseadas para as análises e os procedimentos metodológicos. O item 4 é apresentada as estratégias de dominância e controle das indústrias, especificamente no plantio de pomares próprios e as mudanças no perfil das unidades de produção – UPA, fundiária e os efeitos nos territórios, sendo que alguns ganham e outros perdem, com entrada ou saída de recursos. Nas considerações finais há a síntese do estudo e os resultados dessa estratégia empresarial.

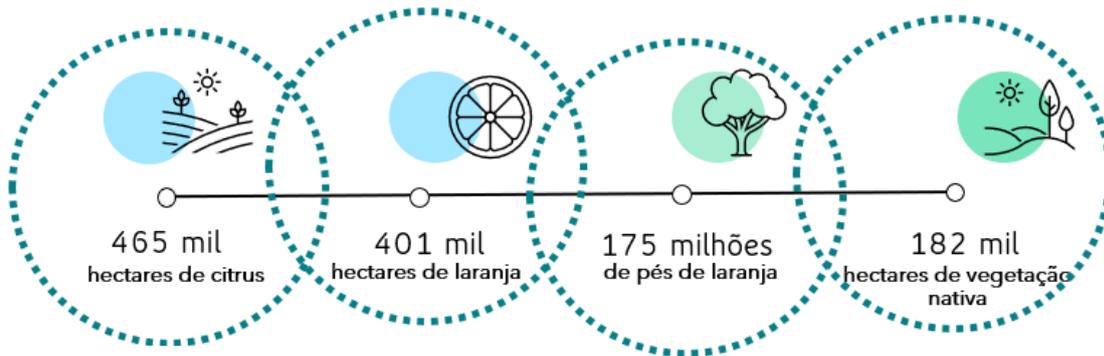
2. A formação do CAI Citrícola, a expansão e dimensão local

O Estado de São Paulo ampliou sua participação no valor da produção de laranja de 47% para 73%, no período de 1970 a 1996 respectivamente (DINIZ, 2002). O percentual se elevou para 79,95%ⁱⁱⁱ, denotando dois períodos distintos: o primeiro tem a ousadia e a expansão do

chamado “cinturão citrícola”, caracterizado pela implantação de uma base de suprimentos para atendimento de uma indústria nascente no processamento e transformação da matéria prima em SLCC (MAZZALI et al., 1995). Coincide com o período o que alguns pesquisadores denominaram como o ciclo de subordinação da agricultura à indústria. A agricultura se torna um elo de produção, elemento a montante da cadeia de processamento, subjugada e subordinada às empresas de processamentos (KAGAYAMA et al., 1990); (DA SILVA, 1998). Entre 1970 e 1996, houve a consolidação dos grupos econômicos que iniciaram essa indústria de transformação – Cutrale, que inicia as operações em 1964, e Citrosuco que opera a partir de 1969, ambas na região central do Estado. A característica marcante desta fase é a conformação desses grupos que já nasceram grandes e se tornaram líderes dominantes desta cadeia global. O ritmo ascendente dos investimentos em plantas fabris e inserção tecnológica, nos aspectos de sanidade dos pomares, melhoria dos processos produtivos e nos sistemas de gestão, constituem o domínio dos recursos humanos, naturais e tecnológicos, materializando o CAI Citrícola. Esta dinâmica tem três resultados evidentes: i) subordinação da agricultura a dinâmica industrial, ii) mudança na reorganização do processo de trabalho, iii) subordinação indireta da natureza para subordinação direta ao capital. O processamento industrial da laranja nasce devido a uma conjugação de fatores: tamanho da citricultura no Estado; crescimento do mercado consumidor internacional^{iv}; e ocorrências climáticas nos EUA. O desequilíbrio entre a oferta e a demanda ocorrida na safra 1990/91, fez o preço da caixa de laranja despencar e o surgimento do *greening* ou HLB, doença ainda sem cura que afeta as folhas e frutos, impulsionaram uma reestruturação. A produção industrial, antes verticalizada, foi horizontalizada com base em serviços, acompanhando a tendência mundial de “*core business*”, ou seja, o fortalecimento do ponto forte e estratégico da empresa. Enquanto na indústria houve um movimento de horizontalização, inversamente na cadeia de suprimentos o movimento foi outro, observou-se a verticalização para trás, com o plantio por parte das indústrias de pomares próprios. Ainda nos anos 90, mesmo com as crises, houve a entrada de novos grupos econômicos: Votorantim, Moreira Salles e Coinbra, do grupo francês *Louis Dreyfus*^v, atualmente LDC, que investiram tanto na produção de matéria prima como em plantas fabris. Também se caracteriza o período pelas ocorrências climáticas nos Estados Unidos, até então o maior produtor mundial, e que aceleraram a implantação de pomares na região central do Estado, consolidando-o, nos anos 80, como o maior produtor mundial (NEVES, 2010). São 465.635^{vi} hectares de citros, sendo 401.470 plantados com laranja, distribuídos em 9.845 propriedades, presentes em 347 municípios

(FUNDECITRUS, 2018), concentrando 78,7% da produção brasileira da fruta (CENSO AGROPECUÁRIO IBGE, 2017).

Figura 1: Cinturão citrícola de SP – maior região produtora de laranja do mundo



A

3

Elaboração própria. Fonte: Fundecitrus, 2018.

segunda fase do CAI Citrícola, foi caracterizada pelo robustecimento do “cinturão citrícola”, e que independentemente das intercorrências – cancro cítrico e do *greening*, da concorrência da cana de açúcar e a da instabilidade institucional entre produtores e indústrias, com óbices e limitações no relacionamento comercial^{vii}, obteve uma expansão^{viii}. Nesta fase amoldou-se a concentração regional e empresarial do processamento industrial, que caracterizou o território com especificidades, competências e habilidades, produzindo diferenciações a partir desta aglutinação e proximidade. Estas especificidades locais estabelecem vantagens competitivas, e recursos originais produzidos a partir da associação:

Mundialização, formação de áreas de livre comércio, articulação entre o global e o local estão no centro das preocupações da economia espacial. Mas a mundialização não significa homogeneização dos espaços. A noção de território está de volta nas análises econômicas. Os territórios oferecem recursos específicos, intransferíveis e incomparáveis no mercado. Esses recursos específicos diversificam os espaços e estabilizam as localizações das atividades econômicas” (BENKO, PECQUEUR, 2001, p. 31).

O fato é que o local tem potenciais e características históricas, culturais, políticas, sociais e até econômicas, que pelas qualidades, humanas e sociais, pode induzir mudanças na sociedade. PAULILLO, (2000, p. 27) definindo o território como elemento estrutural relevante, afirma: ...”o território é o resultado de uma construção social e política, no qual os agentes individuais e coletivos trocam recursos de poder e articulam interesses”. Esse movimento de polarização, onde os extremos, o global e o local, são proeminentes, esvazia o Estado. Nesse sentido, o local cumpre o papel antes desempenhado pelos Estados nacionais, “seja a função de acumulação e a função de legitimação” (VAINER, 2002, p. 17) e com ou tendo a capacidade

de integrar e reproduzir o capital em seu espaço, independente, sem o auxílio, participação ou intervenção das demais escalas, regionais e nacionais (VAINER, 2002); (BRANDÃO, 2007).

A caracterização dos espaços locais com perfil global têm como descrições e tipificações principais, para além da formação de um meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 2008, p. 24), as relações, pois é onde as trocas se realizam: “onde prevalecem os fatos concretos da universalização das trocas, do capital e das mercadorias, dos gostos, do consumo, da alimentação que permitem construir uma geografia geral, onde pequenas frações do espaço mundial podem ser compreendidas à luz do espaço global” (FONSECA, 2004, p. 16), assim definidos: i) os territórios nacionais são espaços nacionais da economia internacional; ii) exacerbação das especializações produtivas; iii) concentração da produção em unidades menores; iv) aceleração de todas as formas de circulação; v) produtividade espacial como elemento na escolha das localizações; vi) recorte horizontal e vertical dos territórios; vii) regulação e organização das regiões; viii) tensão crescente entre local e global.

Esta definição de (SANTOS, 2008) imputa aos espaços locais, agora globalizados, uma nova situação para se manter como agente ativo nos processos de produção: tem que se adequar, alterar e conformar à realidade imposta pelas mudanças dos processos globalizantes. O localismo competitivo realiza o projeto do global, e os locais se conflagram com o propósito e desejo de participarem deste processo, mas não somente eles, as empresas se tornam menores, mais especializadas – desintegração vertical^{ix} – as subcontratações, integração e os acordos interempresariais se ampliam. As companhias líderes de “cadeias globais de valor”^x, agora têm seus procedimentos baseados na gestão das suas cadeias, externas e dispersas, com esforços maiores na coordenação e sincronismo das atividades, uma vez que há uma dependência, e porque não dizer, quase que integração, voltadas ao mantra da competitividade (POTER, 1985).

Essa nova ordem coletiva, social, institucional e de coordenação, toma lugar do controle hierárquico exercido pelas sociedades de produção, na fase do taylorista-fordista. A concentração geográfica, estimulada pelos líderes das cadeias, em certas localidades, apresenta e proporciona certas vantagens: redução de custos de produção e transação, otimização de acesso informacional, especialização, diminuição dos riscos aos investimentos, qualificação do trabalho, incorporação das economias de escala e foco nas competências essenciais de cada elemento. Este processo acelera a velocidade das respostas, acentua a implementação, e o ineditismo da inovação, tão necessários para a vanguarda ou a manutenção dos diferenciais competitivos conquistados. A articulação dos atores, suas interações e as competências

adquiridas a partir do aprendizado coletivo, produzem elementos únicos, intransferíveis, particulares, típicos, e que confrontam, mas na maioria das vezes são amalgamados pelo poder aglutinador do capital financeiro e da dependência econômica dos atores pela força da empresa motriz, que invariavelmente é líder setorial ou grande empresa. Sobre isso Harvey afirma:

O livre fluxo de capital na superfície terrestre, por exemplo, põe forte ênfase nas qualidades particulares dos espaços para os quais o capital pode ser atraído. O encolhimento do espaço, faz diversas comunidades do globo competirem entre si, implica estratégias competitivas localizadas e um sentido ampliado de consciência daquilo que torna o lugar especial e lhe dá vantagem competitiva. Essa espécie de reação confia muito mais na identificação do lugar, na construção e indicação de suas qualidades ímpares num mundo cada vez mais homogêneo, fragmentado (HARVEY, 1989, p. 246).

“Uma personalidade regional”, “expressão de singularidade”, “glocalização”, essas metáforas exemplificativas pronunciadas por Benko (2002) citando Vidal de la Blache, Santos (2008) e Swyngedouw (1997), citado por Diniz (2002), respectivamente, sintetizam a expressão da importância do local como agente para manutenção ou aumento da competitividade em escala global. É nesse sentido que Santos (2008) conceituando a competitividade tão buscada, faz a associação a uma guerra, que está sendo travada nas trincheiras burocráticas afirmando:

A competitividade é um outro nome para a guerra, desta vez uma guerra planetária, conduzida, na prática, pelas multinacionais, as chancelarias, a burocracia internacional, e com o apoio, às vezes ostensivo, de intelectuais de dentro e de fora da universidade (SANTOS, 2008, p. 15).

A competitividade objetivo das corporações, no tempo presente, suplanta os territórios, pois as empresas são organizadas em redes dispersas e várias geografias, e o Estado, que tem sua organização baseada no território, nele impõem seu poder, mas sua autonomia limitada. Fonseca (2004), traz esse contexto delimitando o poder do Estado e a liberdade das empresas:

Na realidade, o Estado é autônomo exatamente por ser organizado territorialmente, o que lhe dá uma centralidade que se materializa na sua presença por todos os recantos do seu domínio territorial, através de normas e leis válidas para todos os habitantes. O controle do território é geral, contínuo e legítimo. Por outro lado, o funcionamento das empresas ocorre em redes, de forma descontínua no território e são voltadas para a competitividade (FONSECA, 2004, p. 19).

Portanto, as maiores respostas estão no próprio local, por ação ou omissão, no contexto em que as diversas relações se estabelecem e as institucionalidades criam dinâmicas, políticas e soluções, contrapondo ou sendo conformada pelas ações das forças atuantes do modelo hegemônico globalizante, quer sejam econômicas, sociais, políticas, ambientais e culturais.

Estes elementos que compõem a “guerra”, são o novo padrão de competitividade do local e são colocados a serviço das empresas. O diferencial competitivo do CAI Citrícola, com o *status* de maior e mais eficiente complexo agroindustrial do mundo, e paradigma de transformação de recursos naturais em valor econômico, prescindem dos territórios para realizarem seu projeto.

3. Procedimento metodológico

A abordagem histórica-exploratória-analítica utilizou-se de fontes secundárias: Levantamento Censitário das Unidades de Produção Agrícola – LUPA, dos anos 1995/95, 2007/08 e 2016/17, Levantamento Estatístico de Produção Paulista, e o valor da produção agropecuária – VPA de 2000 a 2019, especificamente do produto laranja para a indústria, extraído das informações do Instituto de Economia Agrícola – IEA sobre produção vegetal e animal. No LUPA as análises foram sobre as alterações jurídicas e fundiárias das unidades de produção agrícola – UPA, com os hectares ocupados com a cultura. As unidades de produção foram divididas: unidade de pessoa física – **Un PF** – propriedade de produtor individual; unidade de pessoa jurídica – **Un PJ** – propriedade de uma empresa.

Os volumes de produção da laranja foram identificados a partir dos 40 Escritórios de Desenvolvimento Rural – EDR. Identificou-se as 15 EDRs que concentraram mais de 80% da produção de laranjas destinadas às indústrias. Classificadas as regiões: **tradicional**, em **transição** e **nova região**, relativizando a produção de citrus das EDRs, sob dois aspectos: total das culturas perenes, e a área ocupada com laranjas sobre a área total com a agricultura. O período de análise foi de 2000 a 2019, arbitrando-se 5 anos para apresentação do novo mapa locacional da produção de citrus no Estado. No VPA estabeleceu-se as regiões que ganham e as que perdem com a mudança da produção citrícola e os efeitos nos territórios.

4. A indústria que cada vez mais produz a fruta laranja

O “cinturão citrícola”, figuração de linguagem para o território que se estende desde Limeira/SP até o Triângulo Mineiro, estimou para a safra 20/21, 386,79 milhões^{xi} de caixas de laranjas. O levantamento realizado em 347 municípios teve 5.882 propriedades mapeadas com a presença da cultura de citrus, perfazendo o total de 395.671 hectares com a cultura.

Esse cenário territorial e o perfil das propriedades de 2020, não é o mesmo desde o original da década de 60. As mudanças ocorridas alteraram os aspectos de titularidade proprietária, áreas utilizadas com a cultura de citrus em hectares e geográfica locacional da

produção (MARTINS et al., 2019). Confrontando os períodos de 2007/08 e 2016/17, é possível identificar quantitativamente os movimentos havidos no perfil das UPAs: i) Nas UPAs de pessoas físicas – **Un PF**, houve uma variação de -59% até -31% na quantidade de unidades produtoras, variando pelo tamanho das unidades. A variação negativa foi sendo sistematicamente e gradativamente reduzida à medida que a quantidade de hectares das unidades se eleva. Isso denota o movimento de concentração fundiária em menos unidades produtivas, mais adensadas e com volumes de produção mantidos e até superiores. As unidades produtivas ficaram mais tecnificadas, com o emprego de técnicas de manejos e tratos culturais, o que Da Silva (1998) apontou como um estágio avançado de seleção dos fornecedores que respondem mais eficientemente às necessidades das indústrias. Na pessoa jurídica – **Un PJ**, o fenômeno é idêntico, ou seja, alteração em todas as faixas de hectares, variando de -43% para a faixa de hectares de 0,1 a 10 ha, até 0% na faixa acima de 1000,1 ha, evidenciando o fenômeno do adensamento retratado no gráfico 7 (FUNDECITRUS, 2020). Reafirma-se o que a literatura referenciada já apontou sobre a verticalização para trás, com a inserção das empresas processadoras participando cada vez mais na produção de laranjas (AZEVEDO, 1997); (DA SILVA, 1998); (PAULILLO, 2000). A tabela 1 traz a variação entre os períodos 2007/08 e 2016/17, com os totais, concluindo: i) houve uma redução da quantidade de unidades produtoras e dos hectares ocupados; ii) a produção concentrou-se em unidades maiores e mais adensadas; iii) as empresas ampliaram os títulos de propriedades agrícolas. Isto reforça os fatores empreendidos pelas empresas processadoras: i) estratégia de longo prazo para controle da produção; ii) capital financeiro impulsionando as estratégias (verticalização para trás e adensamento); iii) emprego da técnica de gestão industrial na citricultura; iv) gestão eficiente, coordenação, controle e domínio das indústrias processadoras do CAI Citrícola.

Tabela 1 – Evolução das UPAs e hectares entre 2007/08 para 2016/17

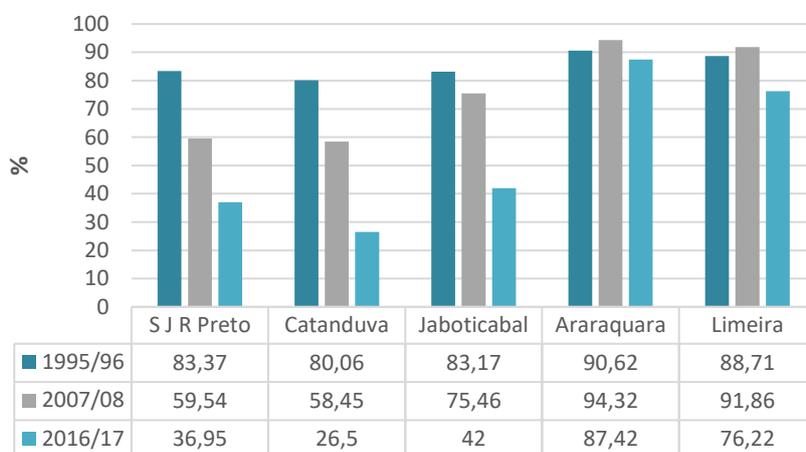
Itens	Unidades Produtoras	Hectares
Un PF	-57%	- 45%
Un PJ	-19%	- 3%

Elaboração própria com base nas informações do LUPA 2007/08 e 2016/17. IEA.

Prosseguindo com as análises, foi identificada a mudança espacial da produção de laranjas destinadas ao processamento do suco de laranja. Das 40 EDRs do Estado, 15 produzem mais de 80% das laranjas destinadas à indústria. A **tradicional** região produtora tem uma

estabilidade na tendência de decréscimo no último período. As EDRs de Araraquara e Limeira apresentam uma certa resiliência. Quando a comparação é em relação a área total, denota-se que em todas as EDRs da região **tradicional** houve uma redução da participação da atividade citrícola, resultado da concorrência de outras culturas, notadamente a cana de açúcar. Outro fator de influência são as relações de poder, refletidas na remuneração da caixa de laranja, assim como a renovação e o adensamento das plantações, que contribuem para o processo de concentração, pois requerem investimentos (PAULILLO, 2006).

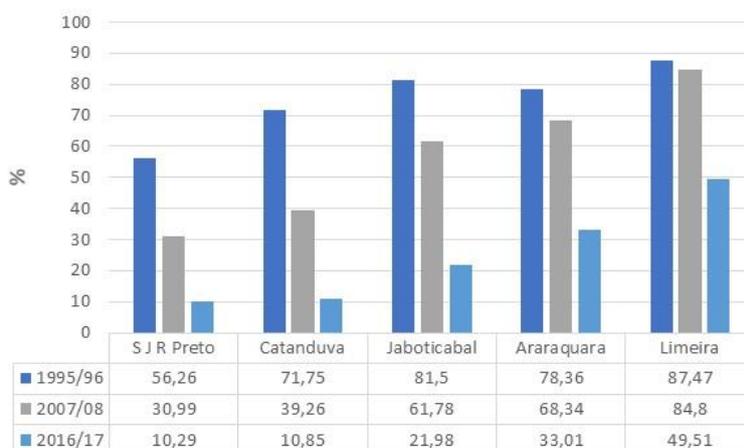
Gráfico 1 – Área % ocupada com laranja X área % cultura perene – Região Tradicional



Elaboração própria com base nas informações do LUPA 1995/96, 2007/08 e 2016/17. IEA.

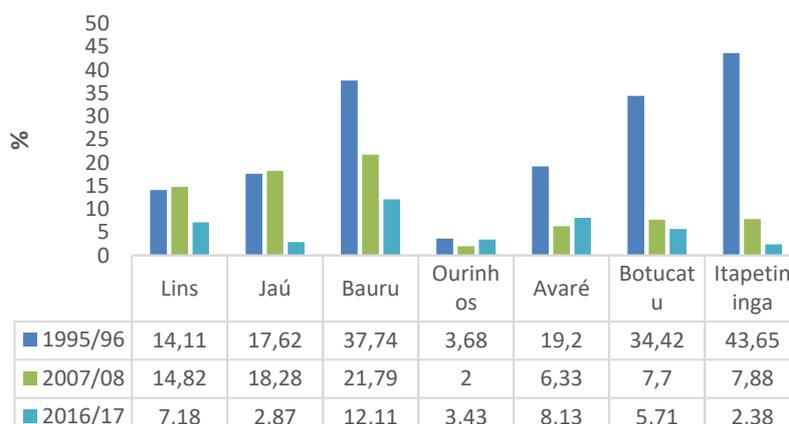
Quando a análise se baseia na participação percentual da EDR no total da agricultura do Estado, no caso de Araraquara foi retirado 1,1 pontos percentuais médios de participação em relação ao valor total da produção agropecuária; de Jaboticabal 0,3 pontos e Limeira 0,5 pontos percentuais. Esses percentuais retiraram de circulação média: Araraquara, R\$ 59,7 milhões; Jaboticabal, R\$ 13,8 milhões e; Limeira, R\$ 23,0 milhões. Este resultado é auferido quando se projeta os percentuais sobre a média do VPA do período sobre o valor da laranja para indústria, em outras palavras, a redução da participação da laranja nestas EDRs tirou recursos financeiros de circulação oriundos desta atividade.

Gráfico 2 – Área % ocupada com laranja X área % total – Região Tradicional



Elaboração própria com base nas informações do LUPA 1995/96, 2007/08 e 2016/17. IEA.

Gráfico 3 – Área % ocupada com laranja X área % cultura perene – Nova Região

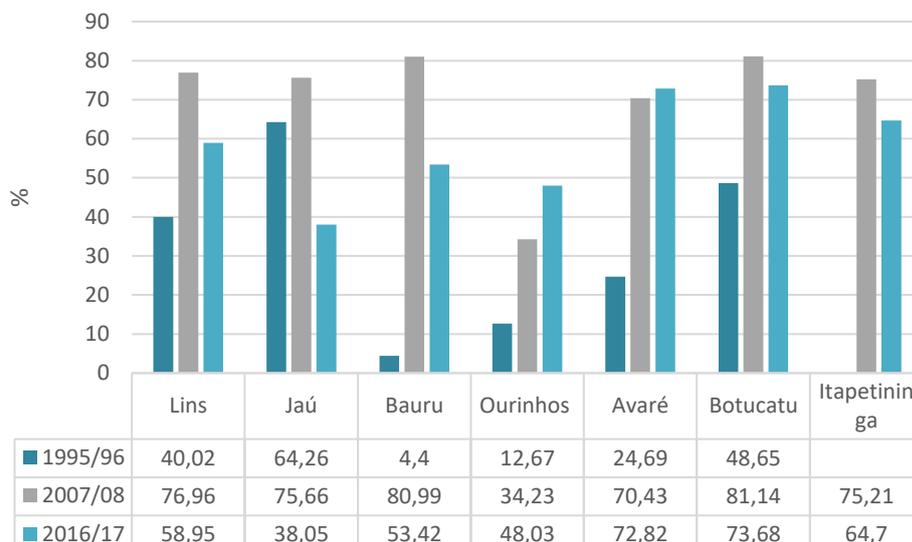


Elaboração própria com base nas informações do LUPA 1995/96, 2007/08 e 2016/17. IEA.

As regiões mais ao sul, abaixo do Rio Tiete, **nova região**, têm uma forte elevação da participação da laranja como cultura, a partir do movimento migratório dos anos 90, da região **tradicional** para a **nova região**. O LUPA 1995/96 captura esse movimento, que se seguiram crescentes no LUPA 2007/08 nas EDRs de Bauru, Jaú e Lins. No LUPA 2016/17 têm-se a perda da força do movimento migratório para o sul do Estado, porém com a implantação dos pomares nos anos anteriores, as EDRs da **nova região** se consolidaram e tem uma importância no novo mapa da produção. O gráfico 4 apresenta a elevação do protagonismo da cultura da laranja em relação a participação da cultura no total das culturas perenes, com destaque para o LUPA 2007/08, muito pela implantação maciça da cultura no período anterior (LUPA 1995/06). Os destaques são as EDRs de Botucatu e Itapetininga, onde a cultura da laranja é recente e

crecente. Como são regiões consecutivas, é possível afirmar que houve uma ação empresarial nos anos 90 e 2000 de implantação da cultura citrícola.

Gráfico 4 – Área % ocupada com laranja X área % total – Nova Região



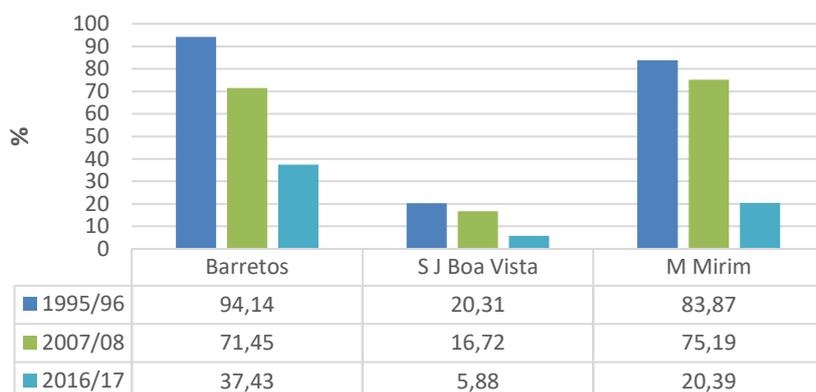
Elaboração própria com base nas informações do LUPA 1995/96, 2007/08 e 2016/17. IEA.

No LUPA 2007/08 foram apontados 18 **Un PJ** com 18091 hectares acima de 1000,1 ha, e no levantamento seguinte foram encontrados 19 **Un PJ** com 15825 hectares. Já na EDR de Itapetininga o movimento empresarial é mais recente, com 12 **Un PJ** com 5451 hectares em 2007/08 e as mesmas 12 **Un PJ**, agora com 14075 hectares, em propriedades acima de 1000,1 ha. Por ser uma região nova na cultura da laranja, o adensamento foi a técnica utilizada nas plantações. Para todas essas EDRs a atividade citrícola logrou percentuais importantes de participação no valor total da produção agropecuária do Estado, que significa recursos circulantes para essas localidades, estimados no período em R\$ 1,1 bi de movimentação total.

Os gráficos 5 e 6, das regiões **em transição**, transacionaram para reduções consistentes de perda do protagonismo da cultura da laranja, em relação as outras culturas perenes. As EDRs de Barretos e São João da Boa Vista, apresentam uma resiliência, apesar do decréscimo. A EDR de Barretos tem oscilado, porém a atividade continua a ser relevante. As EDRs de Mogi Mirim e São João da Boa Vista têm comportamentos oscilante, ou seja, cresce a importância da laranja, em 2000 era 10,6% e 4,3% respectivamente. Eleva-se para 27,7% e 13,0% em 2015, e estabelecendo-se em 21,3% e 11,2% em 2019 respectivamente, ou seja, é um produto relevante. Apesar dessa elevação, não conseguiu sustentar a queda de participação das EDRs no total da

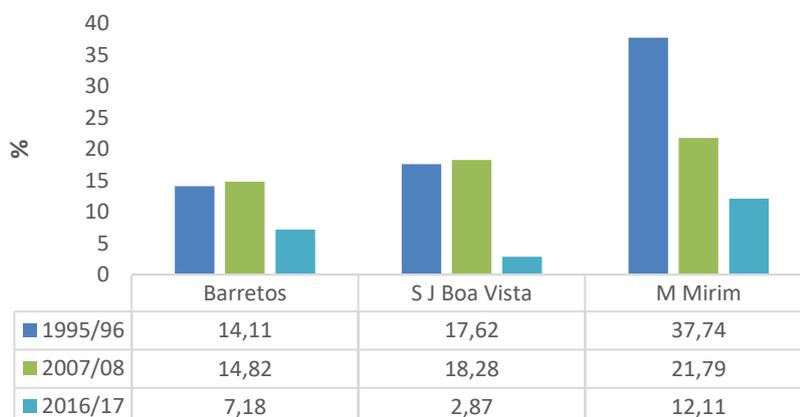
agricultura do Estado que caiu de 2,2% e 6,1% em 2000 para 1,8% e 5,1% em 2019 respectivamente. No VPA as reduções foram: Mogi Morim de 2,2% para 2,0%, e São João da Boa vista de 6,1% para 5,3%.

Gráfico 5 – % Área ocupada com laranja X área de cultura perene – Região em Transição



Elaboração própria com base nas informações do LUPA 1995/96, 2007/08 e 2016/17. IEA.

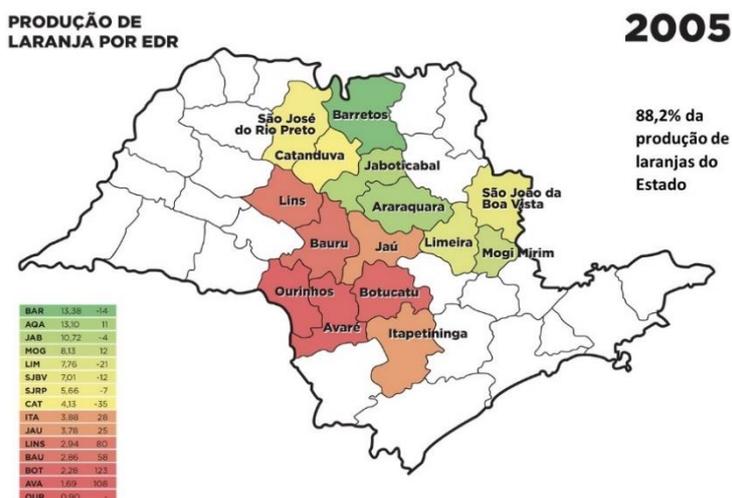
Gráfico 6 – % Área ocupada com laranja X área total – Região em Transição



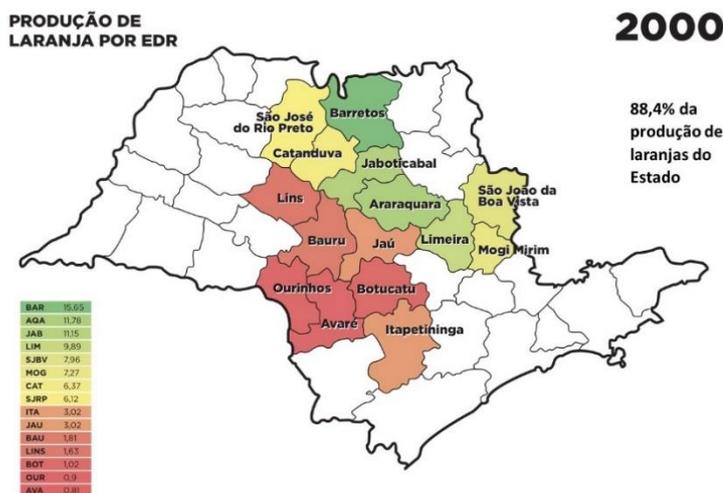
Elaboração própria com base nas informações do LUPA 1995/96, 2007/08 e 2016/17. IEA.

O novo mapa espacial de produção de laranjas no Estado de São Paulo, sugerido inicialmente por Paulillo (2000), foi confirmado e ampliado com a atual pesquisa. Os volumes da produção do levantamento estatístico paulista realizado pelo IEA permitiram a construção dos mapas da nova geografia da produção citrícola, disposta nas figuras 2, 3, 4, 5 e 6. O percentual conjunto de produção de laranjas das 15 EDRs, o percentual individual de cada EDR, são informações extraídas do conjunto de 40 EDRs do Estado de São Paulo.

Figura 2 – Produção de laranjas por EDR no ano 2000

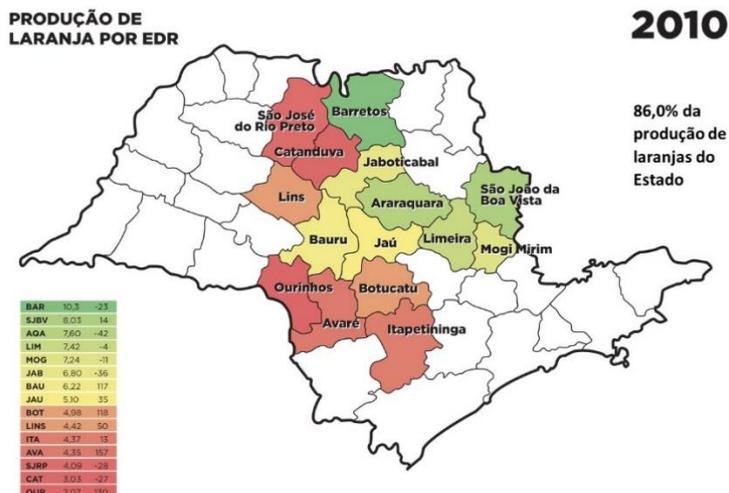


Elaboração própria. Informações do levantamento de produção paulista de 2000 a 2019 – IEA.



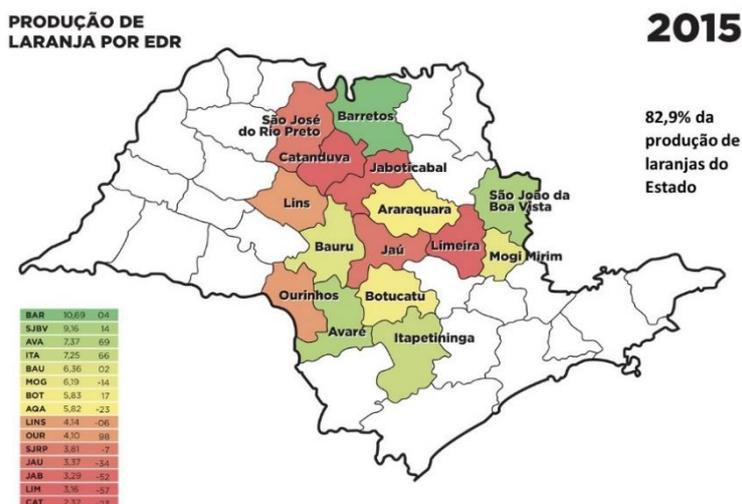
Elaboração própria. Informações do levantamento de produção paulista 2000 a 2019 – IEA.

Figura 3 – Produção de laranjas por EDR no ano 2005



Elaboração própria. Informações do levantamento de produção paulista de 2000 a 2019 – IEA.

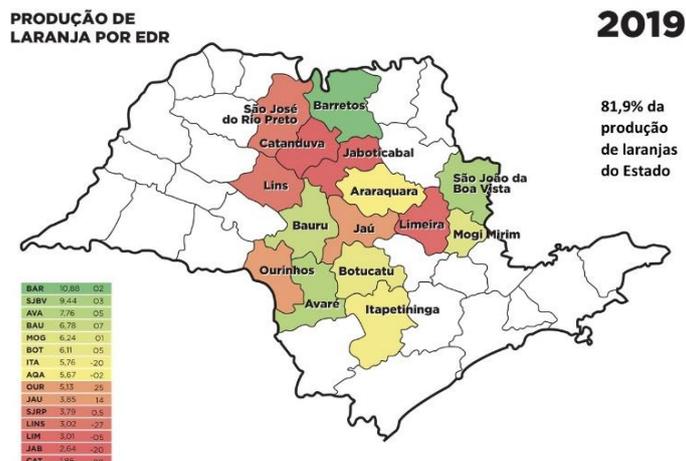
Figura 4 – Produção de laranjas por EDR no ano 2010



Elaboração própria. Informações do levantamento de produção paulista de 2000 a 2019 – IEA.

Figura 5 – Produção de laranjas por EDR no ano 2015

Esses movimentos da indústria, migração das zonas **tradicionais** para **nova região**, transladaram movimento concomitantes no perfil dos produtores de citrus, em outras palavras, houve uma concentração em menos UPAs com maiores extensões (LUPA, 2016/17). A tabela 2, reafirma a exclusão dos pequenos produtores da atividade citrícola, identificado por Paulillo (2006) e Fundecitrus (2020), e o crescente aumento dos hectares, em cada vez menos propriedades. Esses movimentos caracterizam o que Kagayama (1990) e Da Silva (1998) caracterizaram como a inserção do capital financeiro no domínio e coordenação da agricultura.

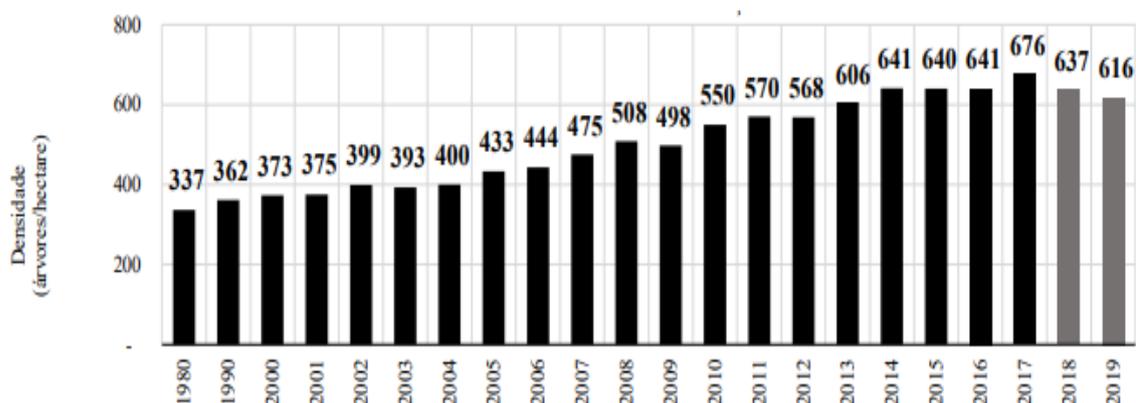


Elaboração própria. Informações do levantamento de produção paulista de 2000 a 2019 – IEA.

Figura 6 – Produção de laranjas por EDR no ano 2019

Como há uma maior participação das UPAs citrícolas com características de **Un PJ**, é possível afirmar que a lógica empresarial de gestão em busca da melhor eficiência foi imposta à citricultura. O adensamento dos pomares, gráfico 7, com a redução do espaçamento entre as plantas, possibilita o aumento da produtividade, sem prejuízos à qualidade dos frutos, sendo essa outra estratégia identificada, aproveitando-se da renovação dos pomares, da inserção da cultura em **novas regiões** produtoras e da disponibilidade de capital financeiro das indústrias para realização da estratégia.

Gráfico 7 – Densidade média de pomares por ano de plantio



Fonte: FUNDECITRUS – Inventário de árvores e estimativa de safra de laranja do cinturão citrícola do Estado de São Paulo e Triângulo/Sudoeste Mineiro, 2020.

Tabela 2 – Titulariedade e hectares com pomares de laranja

Hectare	1980		1995		2015		2018		2019		2020	
	Um	Há	Um	Há	Un	Há	Un	Ha	Um	Ha	Un	Há
0,1 - 10		nd		nd	3851	18007	2514	12003	2594	12470	2723	13338
10,1 - 50	15063*	nd	17869*	nd	2631	62654	2169	48914	2103	46599	2003	47933
50,1 - 100		nd		nd	605	42524	521	36628	493	34282	505	37428
100,1 - 500	3811	nd	6806	nd	558	117871	528	110664	543	112337	507	108407
500,1 - 1.000	1627	nd	1943	nd	79	55400	84	59287	82	56876	84	62418
Acima de 1.000	98	nd	194	nd	64	134166	66	133974	67	133200	60	126147
Total	20599	-	26812	-	7788	430622	7588	401470	5882	395764	5882	395671

* Classificação de imóveis em 1998 por tamanho na escala pequenos, médios, grandes e muito grandes.

Fonte: IEA in Vieira, 1998, p. 97, de 1980 e 1995 e Fundecitrus de 2015 a 2020.

O levantamento Fundecitrus (2020) de estimativa de safra 2020/21 apontou 495.058 mil hectares com plantações de laranjas, com um estimado de 287,76 milhões de caixas. A safra 2003/04, que teve produção de 279 milhões de caixa, ocupando 672,95 mil hectares de áreas de plantação, os números sintetizam as profundas mudanças havidas. Reduziu-se significativamente a área plantada, porém mantiveram-se os volumes de produção. A seleção dos fornecedores em escala econômica, citado por Da Silva (1998), e o aumento da participação da indústria na produção de laranjas, que Azevedo (1997) indica a barganha como um elemento essencial, foram os meios estratégicos utilizados pelas indústrias que retiram aproximadamente 20 mil produtores da atividade. O planejamento de longo prazo, com a centralidade da coordenação e comando pelas indústrias foram os meios para a realização das estratégias, em busca da manutenção da competitividade e liderança da cadeia global de suco de laranja. Estes resultados advêm dessa nova metodologia produtiva introduzida pela indústria, da ausência do Estado na regulação (FONSECA, 2004), do capital realizando o seu projeto (SANTOS, 2008), amalgamando e conformando seus interesses nos territórios (BENKO, 2002).

5. Considerações finais

A atividade citrícola nacional é altamente competitiva internacionalmente na produção de SLCC, tendo na sua base competitiva o processamento em larga escala, advindo da alta concentração empresarial; da verticalização para trás na produção de laranjas pelas indústrias; na concentração de produção e fornecimento em médios e grandes produtores; no controle dos custos de transação; no rompimento com mecanismos institucionais, e no poder de barganha das indústrias. Estes elementos estão contidos no rol de decisões de controle empresarial, e são de ordem eminentemente estratégicas, sendo que as indústrias processadoras têm pleno controle e coordenação sobre elas. A produtividade e competitividade, e a liderança da cadeia global do SLCC pelas indústrias transnacionais brasileiras, teve estratégias variadas, uma delas a verticalização para trás. As regiões **tradicionais** perderam proeminência, e uma **nova região** produtora surgiu. Neste cenário, as UPAs **Un – PF** diminuíram em quantidade e cresceram em hectares, houve uma concentração em médios e grandes produtores. O mesmo efeito foi sentido nas **Un – PJ**, as indústrias detendo 36,6% da produção (CADE, 2014). Essa estratégia empreendida por anos pelas indústrias teve efeitos insatisfatórias aos citricultores, resumidamente: aproximadamente 20 mil produtores se retiraram da atividade. A quantidade de unidades com até 100 hectares, que em 1980 era de 15.063 unidades (VIEIRA, 1980), ante as 5.231 propriedades em 2020 – redução superior a 65% na quantidade de produtores com esse perfil. As unidades com mais de 100 hectares em 1980 eram de 5.536 unidades, sendo que em 2020 são 651 unidades, redução superior a 88%. A cultura da laranja e sua industrialização é importante para o país, para o Estado e para economia, porém os movimentos feitos ao longo dos anos pelas indústrias processadoras alteraram as regiões de produção da fruta, concentraram as unidades produtoras, verticalizaram para trás, reduziram a circulação de recursos nas localidades, efetivando o que alguns autores explicitam como regiões que ganham e outras que perdem, furto das estratégias do capital financeiro realizando o seu projeto global.

ⁱ Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada – CEPEA/USP, em parceria com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil – CNA. Acessado em <https://www.cnabrazil.org.br> em 09/10/2020.

ⁱⁱ O SLCC é majoritariamente exportado a 66 graus brix. Cada tonelada possui 66% de sólidos. O NFC – *Not from concentrate* é exportado em sua diluição natural, entre 10,5% e 13% de sólidos por tonelada, suco 100% natural, pronto para beber e que tem crescido em termos de preferência e consequente demanda nos últimos anos.

ⁱⁱⁱ Fonte: IBGE, Censos Agropecuários 1970, 1996 e 2017.

^{iv} Na década de 50 observa-se um aumento da renda per capita no mundo, favorecendo o crescimento da demanda por produtos semiprontos, como o SLCC. Essa mudança se apresenta principalmente, nos EUA.

^v A Louis Dreyfus Company (LDC) é uma comercializadora e processadora global de produtos agrícolas, presente ao longo de toda a cadeia de valor agrícola no Brasil, opera ativos fixos e comercializa uma variedade de produtos.

^{vi} Incluso o Triângulo/Sudoeste Mineiro.

^{vii} No início foi o contrato a preço fixo que vigorou. Após foi “contrato padrão” que entre as safras 1986 até 1995, estabeleceu o preço mínimo pela caixa de laranja ao produtor paga pela indústria. negociação feita entre os representantes empresariais e de produtores. A livre negociação é a modalidade predominante e em vigente.

^{viii} Desde a safra 88/89 até a safra 20/21, houve 33 safras consecutivas. 10 safras produziram acima de 360 milhões de caixas, ou seja 30% do total e são as grandes safras; 4 safras produziram de 330 a 360 milhões de caixas e estão na classificação de média/grande, 12% das safras; Média safras são aquelas que geram entre 300 e 330 milhões de caixas, e foram 28% do total, com 9 safras; 10 safras, menores de 300 milhões foram consideradas pequenas e correspondem a 30% do total das safras. A média de produção em caixas variou de 336 milhões no final da década de 80 e boa parte dos anos 90; no ano 2000 a média alterou-se para 328 milhões de caixas; e nos anos 2010 a média tem ficado na casa de 329 milhões de caixas de laranja de 40,8 kg. O volume projetado para a safra 20/21 é 25,6% menor que a safra anterior. Estimativa da safra de laranja 2020/2021 do cinturão citrícola de São Paulo e Triângulo/Sudoeste mineiro), acessado em www.fundecitrus.com.br em 15/05/2020).

^{ix} Forma de divisão do trabalho entre estabelecimentos e que reafirma o modo de produção flexível.

^x Uma cadeia de valor representa o conjunto de atividades desempenhadas por uma organização desde as relações com os fornecedores, ciclos de produção e de venda até à fase da distribuição final. O conceito foi introduzido por Michael Porter em 1985. Ao decompor uma organização nas suas atividades de relevância estratégica, otimiza-se o valor final e estabelecendo a vantagem competitiva.

^{xi} Inventário de árvores do cinturão citrícola de São Paulo e Triângulo/Sudoeste Mineiro: retrato dos pomares em março de 2020. Acessado em www.fundecitrus.com.br/pes em 02/07/2020.

6. Referências bibliográficas

AZEVEDO, P. F. **Integração vertical parcial no sistema agroindustrial citrícola: Instrumento de barganha ou de eficiência?** Economia aplicada, v. 1, nº 3, 1997.

BENKO, G. **Economia Espaço e Globalização – Na aurora do século XXI.** 3ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

BRANDÃO, C. **Território e desenvolvimento: As múltiplas escalas entre o local e o global.** São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

CADE – Conselho Administrativo de Defesa da Concorrência. **Voto do Conselheiro Ricardo Machado Ruiz, ato de concentração nº 08012.003065/2012-14.** Brasília, CADE, 2014

DA SILVA, J.G. **Agroindústria e globalização: O caso da laranja no Estado de São Paulo.** Seminário internacional “Globalização, trabalho e meio ambiente: Mudanças socioeconômicas em regiões frutícolas de exportação. 1997 Recife – PE.

DINIZ, C. C. **Repensando a questão regional brasileira: Tendências, desafios e caminhos,** Painéis sobre o Desenvolvimento Brasileiro – Distribuição de renda – Redução das disparidades regionais, 2002, Rio de Janeiro – RJ.

FONSECA, A. A. M. **Localismo e território diante das dinâmicas globais.** Revista de desenvolvimento econômico, ano VI, n. 10, 2004, p. 15 – 25.

- FUNDECITRUS – Fundo de Defesa da Citricultura. **Inventário de árvores e estimativa de safra do cinturão citrícola de São Paulo e Triângulo/Sudoeste Mineiro.** 2020.
- FUNDECITRUS – Fundo de Defesa da Citricultura. **Estimativa da safra de laranja 2020/2021 do cinturão citrícola de São Paulo e Triângulo/Sudoeste Mineiro.** 2020.
- HARVEY, DAVID. **Condição Pós-Moderna.** São Paulo: Loyola, 1989.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – **Censo Agropecuário,** 2017.
- KAGEYAMA, A. A. **O novo padrão agrícola brasileiro: do complexo rural aos complexos agroindustriais.** Revista Agricultura e política pública, 1990 p. 113-223. Brasília – DF.
- BRASIL – **Censo agropecuário.** 2. Agropecuária – Brasil – Estatística. I. IBGE
- MARTINS, V. A. et al. **Levantamento Censitário por Unidades de Produção Agropecuária 2016/17 – LUPA.** 2019.
- MAZZALI, Leonel. **O processo recente de reorganização agroindustrial: do complexo à organização “em rede”** 1995, 283 p. Tese (Doutorado) Fundação Getúlio Vargas, 1995.
- NEVES, M. F. **O retrato da citricultura brasileira.** Ed. Markestrat, 2010.
- PAULILLO, L. F. **Complexos agroindustriais e redes políticas: as transformações no território citrícola brasileiro – uma abordagem do novo institucionalismo e da nova localização.** 1999, 236 p. Tese (Doutorado) – Unicamp. Instituto de Economia, 2000
- PAULILLO, L. F. et. Al. **Agricultura e citricultura no Brasil: diferenças e dominâncias.** Rio de Janeiro: Editora E-papers, 2006 p. 19-51.
- POTER, Michael E. **Vantagem Competitiva,** Rio de Janeiro, Campus, 1989.
- SANTOS, M. **Técnica espaço tempo. Globalização e meio técnico-científico informacional.** Edusp, 2008.
- SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. Instituto de Economia Agrícola. Coordenadoria de Desenvolvimento Rural Sustentável. Projeto LUPA 2007/08: **Censo Agropecuário do Estado de São Paulo.** São Paulo: SAA. IEA, 2009.
- SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. Instituto de Economia Agrícola. Coordenadoria de Desenvolvimento Rural Sustentável. Projeto LUPA 2016/17: **Censo Agropecuário do Estado de São Paulo.** São Paulo: SAA. IEA, 2019.
- VAINER, C. B. **As escalas de poder e o poder das escalas: O que pode o poder local?** In: Planejamento e território ensaios sobre a desigualdade. Caderno IPPUR/UFRJ, nº 1, 2002.